

**AS MAQUETES DE PAPEL COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
EDIFICADO: Oficina de montagem do Hotel Reis Magos.**

Glauce Lilian Alves de Albuquerque

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
glauce.lilian@gmail.com

Eunádia Silva Cavalcante

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
eunadiacavalcante@gmail.com

RESUMO

O risco real de demolição do Hotel Internacional Reis Magos (HIRM), exemplar da arquitetura modernista situado em Natal/RN, provocou entre arquitetos, professores e estudantes dos cursos de arquitetura da cidade, não-arquitetos, entidades de classe, entre outros, uma mobilização pela sua preservação enquanto patrimônio cultural. No intuito de contribuir com este movimento, vislumbrou-se a possibilidade de participação através de uma ação educativa a partir da confecção de uma maquete de papel do HIRM que pudesse ser montada por qualquer pessoa, oferecendo a esta a possibilidade de reconhecer o edifício e compreender o seu valor histórico e patrimonial. Entende-se que o uso da maquete volumétrica se constitui em um instrumento para o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio edificado. A escolha do papel para sua confecção proporcionou a representação fiel da edificação, através de um material de simples manuseio e baixo custo. Desta forma, durante a CIENTEC (Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN), foi realizada a primeira oficina de montagem da maquete do HIRM no stand do Laboratório de Maquetes e Protótipos do CAU/UFRN, aplicada a um público diversificado e composto, sobretudo, por estudantes universitários, de ensino fundamental e médio da região metropolitana de Natal/RN. Os participantes receberam um “kit” de peças desenvolvido através de software, impresso em papel couché e pré-cortado, e com o auxílio de monitores realizaram as dobraduras e colagens necessárias. O resultado positivo desta experiência, despertou o interesse para o desenvolvimento de um projeto de extensão cujo objetivo visa contribuir para a utilização de modelos e maquetes de edifícios históricos como campo de pesquisa e divulgação acerca do patrimônio edificado e que alcance um número maior de pessoas. Trata-se de uma forma de ação de reconhecimento do patrimônio edificado em favor da sua valorização e preservação, utilizando a modelagem em escala reduzida como instrumento de conhecimento e de projeto arquitetônico.

Palavras-chave:

Maquete de papel. Hotel Reis Magos. Preservação. Patrimônio.

[R]EXISTE REIS MAGOS: uma história de persistência

A mobilização em torno da preservação do Hotel Internacional Reis Magos (HIRM) deflagrada em novembro de 2013, quando da divulgação de sua total demolição para a construção de um centro comercial e a partir da ação do Ministério Público Estadual (MP-RN) no sentido de impedir que o hotel fosse demolido, envolveu arquitetos, professores e estudantes dos cursos de Arquitetura da cidade, Sindicato dos Arquitetos (SINARQ RN), Instituto dos Amigos do Patrimônio Histórico e Artístico-cultural e da Cidadania (IAPHACC) e outras entidades e representações (CAU-RN, IAB-RN, ABEA, DARQ-UFRN, e Comissão de Direito Ambiental da OAB-RN). Neste mesmo ano, o IAPHACC entrou com pedido de tombamento em caráter de urgência em todas as esferas: municipal (Fundação Capitania das Artes - Funcarte); estadual (Fundação José Augusto - FJA); e federal (Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-RN)¹. Com o deferimento do tombamento temporário do Hotel Reis Magos pela FJA, em fevereiro de 2014, e a elaboração de um estudo desenvolvido por sete pesquisadores do Departamento de Arquitetura da UFRN sobre a importância histórica, simbólica e arquitetônica do Hotel Reis Magos², que foi entregue ao MP-RN em março deste mesmo ano, iniciam-se as ações que buscavam dar visibilidade ao movimento que, até o momento ocorriam no campo judicial. Então, estudantes, professores e profissionais de arquitetura e urbanismo juntaram-se ao IAPHAAC e realizaram um abraço simbólico no hotel contra a sua demolição. (Figura 01)

Figura 01: Abraço simbólico no Hotel Reis Magos.



Fonte: Jornal Tribuna do Norte

Em 2015, após a divulgação do parecer emitido pelo Ministério Público Federal no Rio Grande do Norte³, em 11 de março de 2015, em favor da demolição da edificação, ocorreu uma intensificação das ações promovidas por diversos setores e representantes da sociedade (Figura 2), tanto no campo judicial, quanto de conscientização através de discussões abertas com a comunidade, publicações⁴ (Figura 3) e atividades culturais, realizadas durante todo o ano.

¹ Vinicius Galindo, "Hotel Reis Magos: descascando o debate superficial do Patrimônio Cultural", 2015.

Disponível em:

<http://www.fna.org.br/site/noticias/pagina/1530/Hotel-Reis-Magos-descascando-o-debate-superficial-do-Patrimonio-Cultural>. [Data de consulta: 10 de setembro de 2016]

² Edja Trigueiro et al, "O Hotel Internacional Reis Magos e sua importância histórica, simbólica e arquitetônica", 2014. Disponível em:

<http://www.mprn.mp.br/controle/file/Estudo%20sobre%20Hotel%20Reis%20Magos.pdf>. [Data de consulta: 08 de setembro de 2016]

³ Ministério Público Federal, "MPF é favorável à demolição do Hotel Reis Magos", 2015. Disponível em:

<http://www.prrn.mpf.mp.br/grupo-asscom/noticias-internet/mpf-e-favoravel-a-demolicao-do-hotel-reis-magos>. [Data de consulta: 08 de setembro de 2016]

⁴ Apartamento 702, "12 motivos que explicam por que é inaceitável demolir o Hotel Reis Magos", 2015.

Disponível em:

<http://www.apartamento702.com.br/12-motivos-que-explicam-por-que-e-inaceitavel-demolir-o-hotel-reis-magos/>. [Data de consulta: 08 de setembro de 2016]

Figura 02: Nota Pública SINARQ/RN.



Fonte: Página do Sindicato dos Arquitetos do RN na internet

Figura 03: Matéria em mídia eletrônica

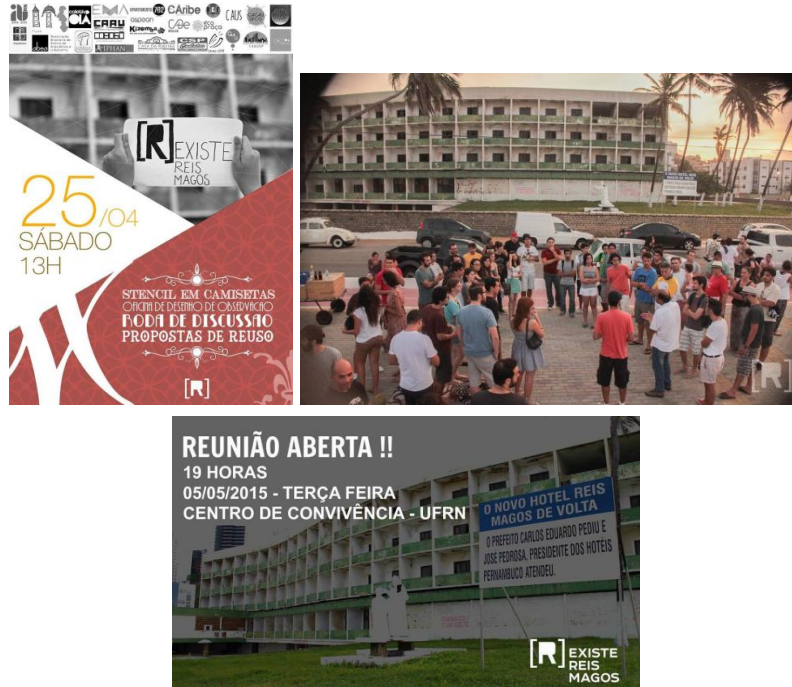


Fonte: Apartamento 702

São exemplos de ações de conscientização sobre o valor do patrimônio edificado (Figura 04), aquelas promovidas pelo coletivo [R]existe Reis Magos⁵ que, através da sua página no Facebook convocou as pessoas interessadas na causa, para que, junto a comunidade organizada do bairro, bem como artistas e grupos culturais locais, participassem e pudessem registrar de alguma forma, o seu posicionamento diante da ameaça de demolição do HIRM. As ações realizadas diante do prédio tinham por finalidade sensibilizar os usuários da praia e ampliar o debate entre os vários segmentos da sociedade.

⁵ <https://www.facebook.com/coletivorexistereismagos/>

Figura 04: Ações promovidas



Fonte: Coletivo [R]existe Reis Magos

Ainda neste sentido, o DARQ/UFRN e DOCOMOMO Brasil promoveram a aula aberta “O valor patrimonial da arquitetura modernista” que foi proferida pela professora Sônia Marques – presidente do Docomomo-BR (Figuras 05 e 06). Na mesma ocasião, os alunos do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN apresentaram o resultado dos trabalhos desenvolvidos durante o Workshop "Natal: cenários revelados" que teve como objeto de estudo e intervenção toda a área da orla da cidade de Natal, com ênfase para propostas de reuso para o Hotel Reis Magos.

Figuras 05 e 06: Cartaz de divulgação da aula aberta realizada no auditório do IFRN e registro da fala da Profª Sonia Marques durante o evento.



Foto: Mariana Lucena

A MAQUETE COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Neste contexto, e considerando que a Educação Patrimonial constitui-se como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação, vislumbrou-se a possibilidade de contribuição para esta mobilização.

De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999)⁶, o

trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

Decidiu-se, então, pela realização de uma ação educativa, a partir da confecção de uma maquete de papel do HIRM, que pudesse ser montada por qualquer pessoa, oferecendo a esta a possibilidade de reconhecer o edifício e compreender o seu valor histórico e patrimonial. A escolha do papel para sua confecção proporcionou a representação fiel da edificação, através de um material de simples manuseio, baixo custo e de fácil reprodução.

A maquete é um recurso sempre presente na prática profissional dos arquitetos e projetistas, mas ainda pouco utilizada na educação patrimonial. Pode-se entender a maquete como a simulação de artefatos arquitetônicos futuros ou já existentes, como representação tridimensional física em escala reduzida. Enquanto instrumento de projeção

As maquetes foram um recurso popular durante o Renascimento (entre o início do século XV e o início do século XVII, em diferentes partes da Europa) e, muitas vezes, eram o único meio empregado para representação de uma ideia de arquitetura.(...)mas, a partir do século passado, os arquitetos mais uma vez começaram a perceber os benefícios das maquetes como meio de expressão e representação física de suas ideias. Antonio Gaudí, por exemplo, era conhecido por utilizar as maquetes físicas para desenvolvimento das complexas formas estruturais da catedral da Sagrada Família, em Barcelona. (FARRELY, 2011)

Contudo, a maquete consegue ir além de seu caráter representativo revelando, também, a capacidade de despertar no observador desta, a possibilidade de ter uma relação afetiva ao que lhe é apresentado visualmente, no caso de edifícios de valor histórico patrimonial⁷. Embora o período atual seja dominado pelos processos de concepção e representação digitais e as novas tecnologias apontarem para a adoção de modelagens digitais, a maquete física ainda é, e continuará sendo, um recurso que permite uma melhor materialização de alguns aspectos físicos, tais como formas e texturas⁸.

⁶ Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queiroz Monteiro, *Guia Básico da Educação Patrimonial Museu Imperial*, 1999. DEPRM - IPHAN – MINC. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf [Data de consulta: 10 de setembro de 2016]

⁷ Lorenzo Consalez, Luigi Bertazzoni, *Maquetes: a representação do espaço no projeto arquitetônico*, São Paulo: Gustavo Gili, 2014, p. 111.

⁸ Lorraine Farrelly, *Técnicas de Representação*, Porto Alegre: Bookman, 2011, p. 175.

A partir de então, o grupo de professores do Laboratório de Maquetes do CAU/UFRN passou a estudar a possibilidade de planificação da massa edificada do HIRM, cuja concepção volumétrica é definida por um corpo principal parcialmente suspenso sob pilotis, composto por cinco pavimentos, levemente serpenteado. A este corpo, se interceptam dois volumes menores: um correspondente a caixa de escadas e um prisma retangular com dois pavimentos, que constituem um aspecto essencial da leitura modernista da obra. Este jogo de volumes determinou a simplificação necessária para registrar a essência da obra e facilitar a construção da maquete por qualquer pessoa (Figuras 07 e 08).

Figuras 07 e 08: Hotel Reis Magos e sua planificação em papel

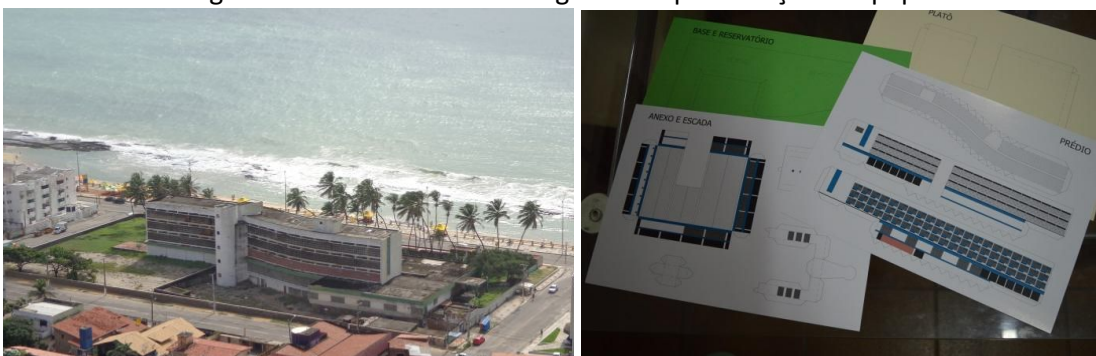
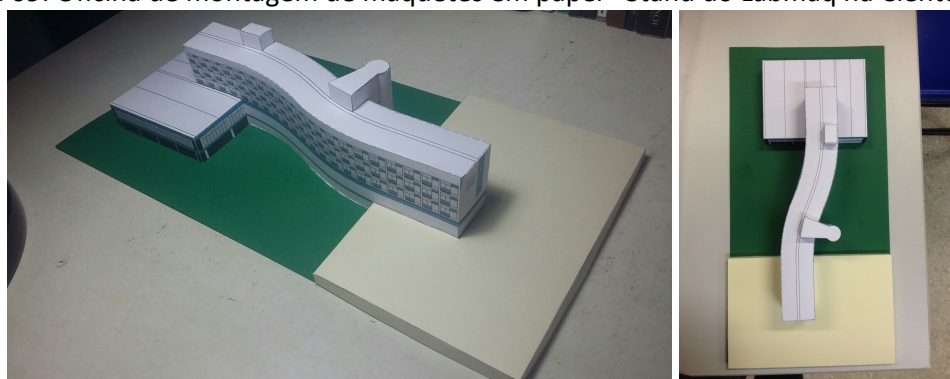


Foto: Glauce Albuquerque

O resultado deste estudo gerou as três peças principais da maquete formadas pela base, que demonstra os dois níveis existentes no terreno (Figura 09); já o edifício foi representado por um volume retangular e o volume do corpo principal; nos quais foram reproduzidos os elementos característicos da arquitetura moderna: os cobogós e a janela em fita. Os blocos são montados separadamente e encaixados e fixados sobre uma base plana, que representa o chão do lote⁹. Complementando a maquete, dois volumes menores representam a caixa de escadas e a caixa d'água. Nestas peças também foram determinadas as indicações de dobra, corte, encaixe e cola¹⁰.

Figura 09: Oficina de montagem de maquetes em papel - Stand do Labmaq na Cientec 2015



Fotos: Glauce Albuquerque

Muitos materiais podem ser utilizados para a confecção de maquetes físicas mas, como já mencionado, a escolha pelo papel traria à experiência, o baixo custo e facilidade de

⁹ Regina Mazzocato Nacca, *Maquetes & Miniaturas: técnicas de montagem passo a passo*, São Paulo: Giz Editorial, 2006, p. 143.

¹⁰ Wolfgang Knoll, Martin Hechinger, *Maquetes Arquitetônicas*, São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.141.

manuseio por parte do público visitante ao evento. Para tanto, optou-se pelo papel couché pela sua gramatura não muito fina, o que permitiu as dobraduras necessárias sem maiores problemas, e também pelo seu acabamento brilhoso.

A simulação da montagem da maquete (Figura 10) ocorreu em paralelo com a Mesa Redonda sobre o Rexiste RM dentro da programação do “Goiabeira”¹¹, que contou com a participação dos professores José Clewton do Nascimento e Natália Miranda Vieira, e da arquiteta Raissa C. Salviano, realizado no dia 22 de outubro de 2015. Esta simulação foi de extrema importância, pois serviu para se determinar o tempo necessário para a confecção de uma maquete, considerando todas as suas etapas, desde o corte até a colagem da última peça. Ao se verificar que o tempo extenso poderia dificultar a ação pretendida durante a CIENTEC - Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN, decidiu-se pelo corte prévio das peças.

Figura 10: Montagem prévia da maquete de papel



Foto: CAAU/UFRN

A escolha da CIENTEC para a realização desta ação de educação patrimonial se deu pelo fato desta ser responsável por apresentar, *in loco*, a produção de ciência, tecnologia, inovação e cultura da UFRN à sociedade, ininterruptamente, desde 1995. O público predominante neste evento é formado por estudantes do ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas da região metropolitana da cidade de Natal, como também de inúmeras delegações oriundas do interior do estado que desembarcam anualmente, na UFRN, para prestigiar o evento. Em resumo, trata-se da grande feira de conhecimento do Rio Grande do Norte.

Conforme relato da Reitora Ângela Maria Paiva Cruz¹², são mais de 20 anos sociabilizando saberes, propagando novas descobertas e cultivando, ano após ano, uma reconstituição de memórias da comunidade universitária da UFRN. Para a instituição é gratificante que um sentimento estimulado pela textura da memória pessoal traga boas recordações. Cidadãos, que em alguns casos não chegaram a ingressar na UFRN, mas que quando alunos de alguma instituição de ensino passaram por esse espaço de mediação e produção de conhecimento, e que a partir dessa visita passaram a nutrir carinho e respeito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Este exemplo nos mostra que o cidadão que não foi aluno e ou servidor permite que a UFRN faça parte de sua vida: cresça dentro de si. Edifica mais ainda a instituição que este contexto esteja vinculado a um evento que engloba música, cinema e dança;

¹¹ O Goiabeira é um evento anual promovido pelos estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN

¹² Ângela Maria Paiva Cruz, “Memórias da CIENTEC”, 2014. Disponível em: www.tribunadonorte.com.br/noticia/mema-rias-da-cientec/296737. [Data de consulta: 10 de setembro de 2016]

incita o voluntariado e a troca de experiências: arquiteta interações de graduandos com estudantes visitantes do ensino fundamental; propicia o diálogo de ideias e fomenta a manifestação cultural. (CRUZ, 2014)

Percebe-se, então, a CIENTEC, que ocorreu no período de 20 a 23 de outubro de 2015, como o cenário ideal para a execução desta ação que pretendia alcançar um público diverso promovendo a sua sensibilização para as questões relacionadas ao reconhecimento e preservação do patrimônio edificado, em especial, para a preservação do HIRM. Desta forma, foi realizada a primeira oficina de montagem da maquete do HIRM no stand do Laboratório de Maquetes e Protótipos do CAU/UFRN (Figura 11).

Figura 11: Oficina de montagem de maquetes em papel - Stand do Labmaq na Cientec 2015



Fotos: André Alves e Glauce Albuquerque

Os participantes receberam um “kit” de peças desenvolvido através de software, impresso em papel couché e pré-cortado, e com o auxílio de monitores realizaram as dobraduras e colagens necessárias. A escolha da maquete artesanal, que busca representar fielmente a realidade, porém usando materiais de simples manuseio e baixo custo, justifica-se por ser mais acessível e ser de fácil reprodução. É, do ponto de vista de quem faz, uma atividade lúdica de materialização de um objeto tridimensional.

Foram confeccionadas 40 maquetes em um dia de exposição, tendo sido realizadas por crianças acompanhadas dos pais, jovens estudantes e por pessoas que reconheceram o edifício e de alguma forma o relacionou com a sua própria história. Destes momentos de interação vivenciados por professores e alunos do CAU/UFRN, envolvidos neste processo, destacam-se algumas histórias como a do Senhor João que se aproximou do stand atraído pela possibilidade de levar uma maquete de lembrança para o pai que havia trabalhado no HIRM, alegando inabilidade para montar a maquete ficou durante muito tempo apenas observando aqueles que estavam envolvidos na atividade e falando sobre o trabalho do pai no hotel. Até que foi desafiado por uma jovem que já havia montado cerca de 60% da maquete: se ele concluísse poderia ficar com a maquete dela. E foi com muito entusiasmo, e uma certa insegurança, porém, auxiliado pelos monitores que ele concluiu a maquete e pôde levá-la para presentear o pai (Figura 12).

Figura 12: Sr. João e sua maquete pronta



Foto: Glauce Albuquerque

Considerando que a maior parte das pessoas que procuraram a atividade era formada por adolescentes, destaca-se o interesse de duas crianças (Figura 13) que, ao reconhecer aquele edifício que ficava próximo de onde moravam, pediram aos pais para realizar a maquete. Ao final, satisfeitos, puderam levar para casa o exemplar em miniatura do prédio.

Figura 13: Crianças moradoras do bairro do HIRM montando a maquete



Foto: Glauce Albuquerque

Além destas crianças, cita-se o caso de outros dois irmãos que foram os últimos visitantes do stand, e chegaram quase no apagar das luzes. Apesar do tempo que restava para o encerramento da mostra ser de apenas 20 minutos, eles se empenharam bastante em colar e montar a maquete, e conseguiram com ajuda do professor José Aureliano (Figura 14). Enquanto montavam, o pai relatava que, já percebia na sua filha um grande interesse em ver/conhecer prédios históricos da cidade, e por isso mesmo, viu nesta oficina a possibilidade de aprofundar seu conhecimento sobre eles e quem sabe no futuro, cursar arquitetura.

Figura 14: Crianças montando sua maquete



Foto: Glauce Albuquerque

Acredita-se, portanto, que o uso de maquetes pode contribuir para difundir as práticas preservacionistas e a valorização do Patrimônio Cultural através da Educação Patrimonial, entendida como uma proposta interdisciplinar de ensino que tem o patrimônio cultural como objeto de conhecimento e que “possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999). Uma vez sensibilizados, indivíduos e comunidades – já que a condição primária para a preservação de um bem cultural é o reconhecimento de seu valor pela comunidade onde está inserido – estabelece-se a comunicação e a possibilidade de troca de conhecimentos e de formação de parcerias com os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais para visando sua proteção e valorização.

A partir desta experiência, pretende-se desenvolver um projeto de extensão que alcance um número maior de pessoas, que possam interagir de maneira mais efetiva com os vários aspectos, quer sejam físicos ou culturais, das cidades, reconhecendo-os como elementos de sua própria identidade, com o objetivo de contribuir para a utilização de modelos e maquetes de edifícios históricos como campo de pesquisa e divulgação acerca do patrimônio edificado. Trata-se de uma forma de ação de reconhecimento do patrimônio edificado em favor da sua valorização e preservação, utilizando a modelagem em escala reduzida como instrumento de conhecimento e de projeto arquitetônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência bem sucedida na Cientec de 2015, pretende-se dar continuidade a este trabalho promovendo durante a Cientec 2016 a segunda oficina de maquetes em papel. No momento, será oferecido ao público visitante a oportunidade de confeccionar a maquete do Estádio de Futebol João Machado, conhecido como Machadão, que apesar de ter sido demolido, causou impacto semelhante ao que se vê com relação ao HIRM. Espera-se com esta ação, fomentar ainda mais na comunidade externa, sobretudo nas crianças e adolescentes o interesse pela preservação dos edifícios de valor histórico para cidade. Entende-se que o caminho é a educação patrimonial junto às escolas, pois através delas é possível trilhar um novo percurso na busca pelo resgate e conservação da memória afetiva da população pelos seus edifícios e conseqüentemente pela sua história.

Acredita-se que, a realização deste tipo de ação que extrapola o meio acadêmico, e vai ao encontro principalmente da comunidade externa, promoverá o reconhecimento do patrimônio edificado da nossa cidade em favor de sua valorização e de sua preservação. A utilização de modelagens e maquetes em escala reduzida como instrumento de conhecimento são importantes instrumentos de ensino nas escolas de nível fundamental e médio, despertando nas crianças e jovens a consciência na necessidade em preservar a história e a memória da cidade.